

PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E TEMAS DE SEXUALIDADE E DROGAS NA ESCOLA: AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE PARA OS ALUNOS

Neire Aparecida Machado SCARPINI¹

Luciane Sá de ANDRADE²

Marlene Fagundes Carvalho GONÇALVES³

445

Resumo: Este trabalho, dentro de uma abordagem qualitativa histórico-cultural, analisa qual a posição dos professores da Educação Básica em relação às ações sobre as temáticas de sexualidade e drogas desenvolvidas pelos enfermeiros licenciados na escola. Utilizou-se a técnica do grupo focal e observação para desenvolver a pesquisa em três escolas públicas do interior paulista. Obteve-se a participação de 29 professores. Os professores, a partir de suas preocupações com as situações que emergem no espaço escolar e as dificuldades de lidar com temáticas da sexualidade e drogas, esperam que as ações de promoção da saúde desenvolvidas por licenciados em enfermagem sejam vistas como necessárias e tenham duração de longo prazo, para, assim, atenderem às necessidades de seus alunos.

Palavras-chave: Promoção da saúde. Enfermeiros licenciados. Sexualidade. Drogas. Escola.

INTRODUÇÃO

Com a implantação da Política Nacional de Promoção da Saúde definiu-se um novo processo de gestão e compromisso na reorientação da atenção ao cuidado do ser humano. A Promoção da Saúde propõe responder às determinações sociais em saúde por ser considerada uma estratégia de produção de saúde através de suas ações (BRASIL, 2009).

A Carta de Ottawa destaca o espaço escolar como local relevante para a educação em saúde e o desenvolvimento de ações de Promoção da Saúde

¹ Pedagoga. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica e Recursos Humanos. USP – Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Bolsista Capes Programa Pró-Ensino na Saúde. Ribeirão Preto - SP – Brasil. 14040-902 - neirescarpini@terra.com.br.

² Psicóloga. Professora Doutora. USP - Universidade de São Paulo. Docente da área de Ciências Humanas do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas. USP – Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto - SP – Brasil. 14040-902 - lucianeandrade@eerp.usp.br.

³ Pedagoga e Professora Doutora. USP – Universidade de São Paulo. Docente da área de Ciências Humanas do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas. USP – Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto - SP – Brasil. 14040-902 - mgoncalves@eerp.usp.br.

(ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1986). Há evidências em todo o mundo de que a saúde e a educação são áreas interligadas. Esse propósito está estabelecido nos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio para as Nações Unidas, pois a educação tem a capacidade de desenvolver a prosperidade econômica de um país e com isso melhorar os resultados de saúde de uma população (LEGER et al., 2010).

Coelho et al. (2012), destacam a fragilidade do setor da saúde como veículo de promoção da saúde sexual e reprodutiva. Os autores apontam a necessidade de realizar ações com os adolescentes para que eles sejam capazes de fazer escolhas conscientes e autônomas para a vida. Devido à complexidade da problemática da sexualidade e os modos de explorar esse tema com crianças e jovens, especialmente “viver a sexualidade com dignidade”, é fundamental o envolvimento da família, do Estado e da sociedade na escola. Assim, o trabalho com temas da sexualidade requer o apoio familiar, deve ser reconhecido como expressão de vida e respeito, tolerância de si e dos diferentes sujeitos e gêneros (PUERTO-GUERRERO, 2012).

Correspondendo ao propósito de intersetorialidade e integralidade do SUS, a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo – EERP/USP, Centro Colaborador da OPAS/OMS – Organização Pan-Americana da Saúde e Organização Mundial da Saúde, para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem, instituição responsável pela formação do enfermeiro licenciado, tem investido na implementação das ações de promoção da saúde na escola de Educação Básica, buscando alcançar os princípios de promoção da saúde. Para essas atuações, a EERP/USP possui parceria com doze escolas estaduais do interior paulista. Os graduandos do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, a partir do segundo ano, no âmbito das disciplinas pedagógicas de práticas de promoção da saúde na escola e de estágio supervisionado de promoção da saúde na escola, promovem a interação com os agentes escolares e alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental, quando desenvolvem as temáticas de promoção da saúde. Dentre um rol de temáticas desenvolvidas nas escolas de Educação Básica, o destaque tem sido para: sexualidade, gravidez, métodos anticoncepcionais, DST/Aids, drogas, violência, *Bulliyng*, higiene pessoal, alimentação, autoestima.

Metodologia

Este trabalho tem o objetivo de analisar qual a posição dos professores da Educação Básica em relação às ações sobre as temáticas de sexualidade e drogas

desenvolvidas pelos enfermeiros licenciandos na escola. Assim, desenvolveu-se este texto a partir da seguinte pergunta: como os professores se posicionam com relação aos temas de sexualidade e drogas desenvolvidos pelos enfermeiros licenciandos na escola?

Trata-se de uma pesquisa qualitativa fundamentada pela abordagem histórico-cultural (VIGOTSKI, 2009). Utilizou-se a técnica do grupo focal (MORGAN, 1997) e observação das atividades desenvolvidas na escola durante o segundo semestre de 2012 (LUDKE; ANDRÉ, 2014). Os dados foram construídos em três escolas públicas de Educação Básica de uma cidade do interior de São Paulo: Escola do Bosque, Escola do Lago e Escola do Jardim. As escolas e os professores receberam nomes fictícios para preservação de suas identidades. Realizou-se seis grupos focais, sendo dois em cada escola; um no início do segundo semestre e o outro no final de 2012. Participaram dos grupos focais 29 professores. Cada grupo teve variação entre 4, 6 e 7 participantes. A pesquisa atende aos critérios éticos do Conselho Nacional da Saúde. Todos os participantes do grupo focal e os enfermeiros licenciandos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultado e discussão

Neste artigo realizou-se um recorte em duas unidades temáticas de análise resultado do grupo focal e da observação: 1. A preocupação dos professores com os comportamentos relacionados às experiências dos alunos no tocante a drogas e sexualidade; 2. Preocupação dos professores com a continuidade das ações de promoção da saúde desenvolvidas pelos enfermeiros licenciandos na escola.

1. A preocupação dos professores com os comportamentos relacionados às experiências dos alunos no tocante a drogas e sexualidade:

A partir da preocupação dos professores com as experiências dos alunos em momentos extramuros escolares, há professores que discordam e outros que concordam em abordar sobre sexualidade à partir do sexto ano, quando são chamados a se posicionar com relação as práticas de promoção da saúde realizadas pelos enfermeiros licenciandos, e ao se justificarem, eles trazem situações as quais se deparam no dia a dia escolar:

Prof. Luan - Eu sei, mas, como trabalhar com a sexualidade com alguém que ainda é criança, que eu acho que a sexualidade teria que ser trabalhada de uma outra maneira, mas eles já vivenciam sexualidade, não sei se é pelo ambiente, pelos pais.

A professora Beatriz justifica:

Profa. Beatriz - *Eu, ontem, encontrei uma aluna e perguntei: "Cadê a (nome da aluna)" Que é amiga dela. - "Cadê a sua amiga?" - Ela respondeu: "Ah, ela não veio, está de ressaca. Ela foi no Fanksamba". Ela tem doze anos. (GF1 Escola do Lago, 2012).*

A fala da professora Beatriz destaca de modo implícito, quando apresenta a idade da aluna, um ar de preocupação e de sensibilidade com essa situação e, como o diálogo contextualiza a promoção da saúde, esse poderia ser, talvez, um meio para possibilitar ao jovem, uma concepção de cuidado ligada à valorização da própria vida. Há estudos que apontam a prevalência para o uso de drogas lícitas e ilícitas para o sexo masculino, acima de 11,5 anos, destacando que o uso de álcool inicia no âmbito da família. No Estado de São Paulo, é insignificante a diferença no consumo de drogas lícitas e ilícitas entre os gêneros feminino e masculino (FELIPE; ANDRADE; CARVALHO, 2015). A segunda edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PENSE (BRASIL, 2012), contou com a amostra construída em 42.717 escolas em municípios das Capitais e o Distrito Federal e também outros municípios selecionados, os quais representam o contato com 109.104 escolares que responderam à pesquisa. Dos respondentes da PENSE, para a questão acerca do uso de álcool, 66,6% disseram ter testado a bebida. Durante os trinta dias da pesquisa, 26,1% consumiram alguma bebida alcoólica. O fato de uma adolescente de doze anos, fase de descobertas e buscas, estar de ressaca, indica que tal situação pode levar a um conflito interno e com familiares e, o fato de a aluna ter ido ao *Fanksamba* leva a pensar que "[...] esses espaços muitas vezes os tornam mais vulneráveis a situações externas, tais como o consumo de drogas, delinquência e condutas sexuais de risco". (MONTEIRO et al., 2012, p.345).

Por outro lado, o professor Luan discorda em abordar sobre sexualidade até o sexto ano por não se sentir à vontade ao lidar com o assunto. No decorrer do grupo focal, e complementando a fala acima, os professores Luan e Beatriz indagam:

Prof. Luan - *Não é só a questão, mas o que eu quero dizer é que eu não preciso trabalhar com isso no sexto ano, mas no oitavo e nono.*

Profa. Beatriz - *Ela falou que estava de ressaca.*

Prof. Luan - *Oitavo e nono eu sinto mais à vontade, mas sexto e sétimo, eu vejo, quando eu trago aquele boneco, eu vejo a garota brincando "bonequinho vai, bonequinho vai", ao mesmo tempo ela fala de sexo e de fazer uma carreirinha para cheirar, mas ao mesmo*

tempo, está com uma boneca. Quer dizer é uma criança! Então, como está dividido esses dois mundos, aí, eu não sei como atuar com essa criança. Agora quando já é pré-adolescente do nono ano, o nosso trabalho já é facilitado para tratar do assunto. Como eu vou tratar da sexualidade com uma criança do sétimo ano?

Profa. Mara - *Eu sei! É uma questão delicada.*

Profa. Lindalva - *Eles começam muito cedo, mas eles não têm maturidade para entender o que eles estão fazendo.* (GF1 Escola do Lago, 2012).

As temáticas sexualidade e drogas se entrelaçam e fluem no cotidiano escolar, ora com um teor preocupante para os professores da Escola do Lago, ora como uma questão delicada quando eles mesmos exploram o assunto. Isso demonstra um incômodo por parte do professor Luan no trato com temáticas da sexualidade para alunos do sexto e do sétimo anos. Essa situação aponta para a relevância de ações de promoção da saúde que estão sendo realizadas nas escolas por meio de programas intersetoriais entre a Saúde e a Educação. Com relação às ações de promoção da saúde desenvolvidas pelos enfermeiros licenciandos, a Profa. Mara afirma: - *A gente apoia as atividades deles.* A Profa. Lindalva, deseja: - *Que eles consigam conscientizar, que eles consigam ajudar, informar bastante os alunos.*

Uma avaliação sobre o Programa Saúde na Escola, ao buscar indícios de que esteja ocorrendo a promoção da saúde, tem apresentado ações realizadas por meio de capacitação, publicação de pesquisas, divulgação de material, atividades de verificação de vacinas, saúde alimentar, promoção de práticas corporais saudáveis, educação sexual, saúde reprodutiva, DST/Aids, promoção de cultura de paz (FERREIRA et al., 2014). Entretanto, se de um lado há várias propostas de políticas de promoção da saúde, os contextos de tomada de decisões, a avaliação, as evidências refletindo diretamente na qualidade de vida dos indivíduos e na busca por vida saudável, do outro, a articulação entre esse discurso político e as práticas, está longe da realidade (SALAZAR, 2004 apud FERREIRA et al., 2014), e merece uma discussão aprofundada sobre a forma de abordar a mesma temática para faixas etárias diferentes. É a realização das ações de promoção da saúde que a EERP/USP vem buscando com as doze escolas parceiras.

É perceptível o reflexo de uma cultura de desvalorização da vida invadindo a vida de crianças e jovens tanto dentro como fora dos muros escolares. Balman (2007) tem definido a realidade atual como refém da sociedade consumista, na qual tudo é transitório, inclusive as relações interpessoais, subordinadas a desejos momentâneos,

sem raízes éticas e de preservação, decorrentes da difusão de padrões de consumo e dos mecanismos marqueteiros nos processos da vida rumo a uma felicidade descartável. Esse fantasma consumista acaba refletido nas crianças e nos jovens expostos a diferentes formas de risco. A desvalorização da vida, expressa pelo uso de drogas lícitas e ilícitas e também pelo uso do sexo de modo descontrolado e inconsciente tem favorecido a configuração de signos que compreendem uma liberdade camuflada no mundo capitalista. A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PENSE, cuja primeira edição foi realizada no ano de 2009, em 26 capitais dos Estados brasileiros e do Distrito Federal, teve como referência a amostra de 6.780 escolas e 63.411 escolares do nono ano do Ensino Fundamental, com idade entre treze e quinze anos, apresentou os seguintes resultados: com relação ao uso de drogas ilícitas (maconha, cocaína, *crack*, cola, loló, lança perfume, *ecstasy*) 8,7% dos escolares do nono ano do Ensino Fundamental usaram algum tipo dessas drogas; 27,3% dos escolares afirmaram ter ingerido bebida alcoólica nos últimos trinta dias da realização da pesquisa (BRASIL, 2009). A complexidade do problema da drogadição exige um tratamento epistemológico que não se esgota e propõe maior articulação entre o que ocorre na realidade e os conhecimentos teóricos já estabelecidos (BAPTISTA, 2003). Assim também as questões ligadas à sexualidade carecem de um direcionamento pedagógico organizado, planejado a partir de assuntos que levem os adolescentes a ultrapassar os próprios limites de interesse e construir significados corresponsáveis por sucessivas aprendizagens para a vida.

Em uma das atividades de promoção da saúde realizada com o sétimo ano D, na Escola do Lago, a professora Lindalva reproduz a conversa que os enfermeiros licenciandos tiveram com os alunos. Evidenciando os temas de interesse dos alunos e os temas que eles trazem, para esta professora, os alunos queriam saber: - *Tudo sobre o sexo oral, anal, o que é homossexualismo, tudo. Eles esclareceram, colocaram os desenhos do corpo masculino e feminino. Falaram como funcionam* (Profa. Lindalva, GF1 Escola do Lago, 2012).

Na fase da adolescência florescem desejos a assuntos ligados às questões sexuais e em querer conhecer algo ligado à constituição e funcionamento do corpo humano e à complexidade do comportamento em seu desenvolvimento ontogenético, expressado na linguagem que além de ser uma reação emocional é o mecanismo de se comunicar com os semelhantes. Pedagogicamente falando, essas questões podem ser tratadas de forma natural, sem artifícios. Embora o jovem esteja aberto a conhecer, na fase da

adolescência, “[...] o sentimento sexual assume forçosamente o caráter de conflito, de onde uma saída feliz só é possível se ocorre a sublimação necessária”. (VIGOTSKI, 2010, p.98). O domínio desse sentimento pode ser realizado por meio de uma atividade educativa fim, ou seja, tal como os enfermeiros licenciandos realizaram. Pelas dinâmicas e atividades lúdicas, foi proposto um caminho organizador do comportamento emocional com o objetivo de dotar os alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental de certo conhecimento científico. Percebe-se a partir da fala da Professora Lindalva que o momento da atividade foi promotor de um clima condizente para a explicitação desse assunto, e contou com a afinidade entre os enfermeiros licenciandos e os alunos. Além disso, as atividades de promoção da saúde foram desenvolvidas a partir de um planejamento, um plano de aula e, as estratégias de ensino ocorreram de acordo com a demanda escolar. Essa interação é possível “[...] criando um clima sistemático de trabalho que corresponda aos interesses vitais do jovem e represente um sistema de canais de derivação bem construídos, capazes de conter a energia sexual sublimada e imprimir-lhe uma orientação correta”. (VIGOTSKI, 2010, p.103).

2. Preocupação dos professores com a continuidade das ações de promoção da saúde desenvolvidas pelos enfermeiros licenciandos na escola.

Observa-se uma preocupação dos professores com a continuidade das ações de promoção da saúde na escola. A professora Elenice acompanhou a atividades dos enfermeiros licenciandos, e trouxe a sua percepção sobre o desenvolvimento das ações de promoção da saúde. Para ela, [...] *eles trabalham dinâmica, trabalham com os alunos, palestras, vídeos, situações que envolvem o grupo. Isso tudo, ajuda bastante. E não vai finalizar, né? É um trabalho que tem de ser feito constantemente* (GF2 Escola do Lago, 2012). Por outro lado, a professora Beatriz demonstra a necessidade da continuidade das ações de promoção da saúde desenvolvidas pelos enfermeiros licenciandos. Segundo a professora Beatriz,

Eles não assimilam, assim, sabe, rápido. É impressionante! Isso é uma coisa que eu penso, assim, e não só essa questão da vinda dos enfermeiros, do trabalho que eles fazem aqui, mas tudo, até na relação, na minha relação com os meus alunos. É um trabalho de formiguinha. E vai, vai, vai, vai para você conseguir chegar até eles, entendeu? E eu acho que o modo como eles [enfermeiros licenciandos] fazem esse trabalho, eles [alunos] conseguem enxergar, mas é uma coisa de continuidade. Eles [alunos] precisam saber que o ano que vem eles [enfermeiros licenciandos] vão estar aqui de novo. Porque se não estiver, por exemplo, eles [os alunos] podem pensar assim: eles [enfermeiros licenciandos] não vão vir porque a gente

isso, porque [...]. E isso é uma coisa que prejudica. Eu não sei se eu coloquei direito. (Profa. Beatriz, GF2 Escola do Lago, 2012).

As duas professoras demonstram preocupação com a continuidade das ações de promoção da saúde realizadas na Escola do Lago especialmente, quando a interrupção pode refletir diretamente nos alunos. Para Vigotski (2010) a linha educativa, além de focar as inclinações naturais do escolar, deve contemplar seus desejos e aspirações. O que não causa interesse no escolar não abre a porta para a aprendizagem que é a fonte para o desenvolvimento, pois “[...] em termos subjetivos, para o aluno a atitude se revela antes de tudo como certa expectativa da atividade a ser desenvolvida.” (VIGOTSKI, 2010, p.163). O próprio contexto como o conteúdo de promoção da saúde, a interação dos enfermeiros licenciandos e alunos dessa escola foram decisivos e promovedores da Zona de Desenvolvimento Proximal. Aquilo que os alunos constroem parte de seus interesses reais e, a metodologia desenvolvida nas atividades vem sendo construída no âmbito de formação do futuro enfermeiro licenciado. As aulas na graduação, pautadas na metodologia ativa de fundamentação sócio-histórica, procuram problematizar os momentos de imersão na escola de Educação Básica – a realização das atividades educativas com os alunos - a partir do olhar sobre os fenômenos escolares, subsidiados por buscas teóricas, sínteses e avaliação de todo o processo. Pode-se considerar esse percurso de construção de significados, articulado pela realidade-teoria-prática como um processo revolucionário? Se o processo revolucionário, conforme definem Newman e Holzman (2002), de criação do significado da palavra ocorre quando os jogos de linguagem possibilitam ver como se processa a atividade de linguagem e de pensamento, as impressões trazidas neste estudo demonstram uma aproximação com a atividade revolucionária. O jogo de linguagem permite dar visibilidade às formas reais de pensar e construir uma ideia sobre um determinado assunto, elaborar e reelaborar o pensamento e assim continuamente, tanto para os graduandos de enfermagem, como para os alunos da educação básica envolvidos nas atividades realizadas.

Como exemplo de uma das observações da atividade de promoção da saúde sobre drogas, o enfermeiro licenciando discutia o uso de drogas como prejudicial à saúde e a necessidade de intervenção com medicamentos caso o problema persista. Nesse momento ele obteve a concordância da maioria dos alunos, e partiu para uma pergunta: - *Onde eu moro, tem muita gente que usa drogas? É possível eu conviver com*

essas pessoas? Uma aluna respondeu: *É!* Outro aluno complementou: - *Mas, eles podem bater em nós!* (Observação, Escola do Lago, 2012).

A teoria social de Briceño-León (2005) tem trazido subsídios para explicar os fenômenos sociais e a violência urbana, contemplando as drogas como um dos fatores pelos quais origina, facilita e fomenta a violência, resultado da desigualdade social, da cultura da venda e do uso, atingindo todas as esferas sociais dos países estudados, na América Latina. Neste sentido, entende-se que o trabalho com a temática drogas é desafiador e requer habilidade e, mesmo à serviço da ciência, é preciso cuidar para não rotular e estigmatizar grupos humanos e indivíduos, reféns das próprias condições existenciais e das condições culturais, históricas e estruturais, configuradoras de identidades estigmatizadas. Talvez, o contexto de usuários e mercadores de drogas precisa ser melhor compreendido e problematizado junto a jovens escolares com suas ideias prévias, pois a pessoa que se pressupõe violenta pelo envolvimento com drogas, pode ter por trás “[...] a fome de sentido e de valor; de reconhecimento e acolhimento; fome de ser – sabendo-se que só se alcança ser alguém pela mediação do olhar alheio que nos reconhece e valoriza”. (ATHAYDE; BILL; SOARES, 2005, p.215). Entende-se ser esta a direção capaz de mobilizar as atividades de promoção da saúde com a temática drogas.

Considerações finais

Os professores da Escola do Lago estão identificando, quando solicitados a se posicionarem no grupo focal, situações complexas e de um trato cuidadoso, envolvendo uma série de comportamentos sobre os assuntos de sexualidade, drogas e álcool, atingindo diretamente os seus alunos em suas vidas. Ao serem chamados a falar sobre as ações de promoção da saúde desenvolvidas na escola pelos enfermeiros licenciandos, os professores deixam transparecer suas percepções com relação às suas próprias limitações no trato com as temáticas que os alunos ora trazem e ora vivenciam em suas experiências extramuros escolares e que acabam repercutindo na vida escolar. Há quem demonstre discordância em lidar com as temáticas de saúde, especialmente quando envolve sexualidade, para alunos de sexto e do sétimo anos, onze e doze anos, devido identificar o aluno vivendo dois papéis: o de uma criança e o de um jovem adolescente, tentando reproduzir uma situação construída a partir de significados valorizados na própria realidade. Por outro lado, há professores preocupados com a continuidade das ações de promoção da saúde desenvolvidas na escola, ainda por não se considerarem

responsáveis por estas ações e por considerar um trabalho que demanda um longo prazo para educação em saúde por ter relevância para os alunos.

TEACHERS OF BASIC EDUCATION AND THEMES OF SEXUALITY AND DRUGS IN SCHOOL: HEALTH PROMOTION ACTIONS FOR STUDENTS

Abstract: *This study, inside of a qualitative cultural-historical approach, analyzes what the attitudes of basic education teachers regarding actions on themes of sexuality and drugs that are performed by nursing undergraduates in schools. The technique of focus group and observation was used to develop the research in three public schools in the countryside of the São Paulo state. Twenty-nine teachers participated. The teachers, because of their worries regarding situations that emerge in the school environment and problems handling themes of sexuality and drugs, hope that actions for health promotion be perceived as necessary and have long-term durations so that they meet the demands of their students.*

Key words: *Health promotion. Nursing undergraduates. Sexuality. Drugs. School.*

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, C.; BILL, M. V.; SOARES, L. E. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BALMAN, Z. **Os consumidores na sociedade líquido-moderna. Vida Líquida**. Tradução de C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAPTISTA, M. Drogas, Estado, Sociedade. In: BAPTISTA, M.; CRUZ, M. S.; MATIAS, R. (Org.). **Drogas e pós-modernidade: prazer, sofrimento e tabu**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003. p.25-33.

BRASIL. Ministério da Saúde. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64436.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2015.

_____. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/pense.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2012.

_____. **Temático promoção da saúde IV**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2009.

BRICEÑO-LEÓN, R. Urban violence and public health in Latin América: a sociological explanatory framework. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.21, n.6, p.1629-1664, 2005.

COELHO, M. M. F. et al. Educação em saúde com adolescentes: compartilhando vivências e reflexões. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v.11, n.2, p.390-395, 2012.

FELIPE, A. O. B.; CARVALHO, A. M. P.; ANDRADE, C. U. B. Espiritualidade e religião como protetores ao uso de drogas em adolescente. **SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, São Paulo, v.11, n.1, p.49-58, 2015.

FERREIRA, I. R. C. et al. **Avaliação da intersectorialidade no programa saúde na escola**: utilização da metodologia de avaliação rápida. Curitiba: Editora Champagnat, 2014.

LEGER, L. S. et al. **Promoting health in schools - from evidence to action**. Paris: IUHPE, 2010. Disponível em: <http://www.dhhs.tas.gov.au/__data/assets/pdf_file/0007/117385/PHiSFromEvidenceToAction_WEB1.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2015.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2.ed. Rio de Janeiro: EPU, 2014.

MONTEIRO, C. F. S. et al. Adolescentes e o uso de drogas ilícitas: um estudo transversal. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v.20, n.3, p.344-8, 2012.

MORGAN, D. L. **Focus groups as qualitative research**. 2.ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1997.

NEWMAN, F.; HOLZMAN, L. **Lev Vygotsky** cientista revolucionário. Tradução de M. Bagno. São Paulo: Loyola, Brasil, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Carta de Ottawa Primeira conferência internacional sobre promoção da saúde**. Ottawa: OMS, 1986. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2012.

PUERTO-GUERRERO, A. H. Motivar el cambio a partir de la educación para la salud. Colombia. **Revista de Salud Pública**, Bogotá, n.14, p.129-141, 2012.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. Tradução do russo e introdução de P. Bezerra. 3.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de P. Bezerra. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.